



**casadesarmento**

centro de estudos do património

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

**CONFERÊNCIA. "ENSAIO SOBRE A CRISE MENTAL DO SÉCULO XII", POR HERNÂNI CIDADE.**

(sem indicação de autor)

Ano: 1929 | Número: 39

---

## Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Conferência. "Ensaio sobre a crise mental do século XII", por Hernâni Cidade. *Revista de Guimarães*, 39 (3-4) Jul.-Dez. 1929, p. 222-224.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Conferência

---

No dia 16 de Dezembro, pelas 21 horas, realizou uma conferência, no salão nobre da Sociedade, o ilustre escritor Sr. Dr. Hernâni Cidade. Sua Ex.<sup>a</sup> foi apresentado pelo digno Presidente, Sr. Dr. Eduardo d'Almeida, que à concorrida e distinta assistência descreveu o valor literário do Sr. Dr. Hernâni Cidade, quer como conferencista, já afirmado por trabalhos de reconhecido merecimento, como sejam as *Conferências* — «Camões», «Garrett» e «Gomes de Amorim», quer como publicista de apreciados dotes de inteligência e senso crítico, entrando depois o Sr. Dr. Eduardo, sob êste afirmar, na pormenorizada análise do estudo: *Ensaio sobre a crise mental do século XIII*. A seguir dirigiu S. Ex.<sup>a</sup> palavras de muito agradecimento à distinta colaboradora da festa, a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Arminda Fortes, que acedeu gentilmente ao convite da Sociedade, para vir recitar algumas poesias relativas à conferência, que era subordinada ao tema seguinte — *A Marquesa de Alorna, nuncia dos tempos modernos*: I O que há de estranho nas suas atitudes de mulher. II O que há de novo na sua obra de poetisa.

A apresentação do conferente é desembaraçada, simpática. Na casaca negra, a Cruz da Grande Guerra — desperta um movimento de respeitosa comoção. Dição cuidada. Estilo de bom português, claro, fluente, preciso, e, simultâneamente, elegante, cuidado, sóbrio. Revela-se o professor, o homem de estudo, pensamento reflectido em acção moral. Logo as primeiras palavras, como nos verdadeiros dramas da vida, nos arripiam e prendem a atenção. Involuntariamente mesmo se fixam: «Na manhã de 24 de Fevereiro de 1777, quando o Marquês de Pombal se dirigia aos aposentos onde o rei D. José agonizava, alguém o deteve

no caminho, com esta frase sêca, *epigrafe do dramático e último capítulo da sua vida* — V. Ex.<sup>a</sup> não tem nada que fazer aqui!». Assim falou o Cardeal da Cunha. D. José morre. O Marquês de Pombal vai sofrer o embate rude dos ódios acumulados pela sua obra, tão discutida e tão evidente, ao serviço da Pátria.

O Sr. Dr. Hernâni Cidade logo descreve, em aprimorada forma, o «acto de tragédia antiga» do encontro, no locutório do Convento de S. Félix, em Chelas, do Marquês de Alorna, D. João de Almeida Portugal, depois de 18 anos de prisão, com sua espôsa, D. Maria de Lorena, e suas filhas, D. Maria, a futura Condessa da Ribeira, e D. Leonor de Almeida — a Marquesa de Alorna. A primeira parte do seu trabalho revela uma cuidada e erudita investigação literária e uma profunda e subtil análise psicológica. Há em suas mãos a nervosa ternura do artista ao marcar a figura e ao ouvir bater o coração de uma mulher inteligente, ilustrada, invulgar. Fala-nos dos outeiros, e dos seus vates: Garção, o Dr. Tamagnini, Fr. Tomé do Coração de Jesus, Fr. Alexandre da Silva e do P.<sup>o</sup> Francisco Manuel do Nascimento — *Filinto Elysio*. E' na clausura que o espírito de D. Leonor de Almeida se liberta, que a sua consciência se afirma, que a sua alma de mulher se fortalece no próprio sentimento. *Junqueiro* dissera: «encarcerar a asa é encarcerar o pensamento humano». O pensamento de D. Leonor, durante a forçada reclusão, ala-se em inquieta ansiedade, mas liberta e segura.

O conferente fala depois nas cartas escritas por D. Leonor de Almeida a seu pai, durante a prisão. E' o momento mais impressionante da conferência. Pai e filha «debatiam a velha antinomia entre o cânion estético e a liberdade de inspiração», mas outras cartas há em que a discussão é filosófica e nelas se revela genuinamente a cultura, a energia mental, o espírito da Marquesa de Alorna. Elas mostram, conforme o cuidadoso extracto d-*O Primeiro de Janeiro*, «a universalidade da cultura de D. Leonor de Almeida, a audácia das suas curiosidades mentais e a maneira como, por elas, corrigiu em si os excessos inquisitoriais do catolicismo do tempo e também modificou a

sua atitude em matéria social e política. Chora porque o pai, em carta, lhe condenava Voltaire à queima. Defende contra o confessor as verdades científicas, como o heliocentrismo, que a intolerância ignorante se recusava admitir.

O meio português era estreito e, um dia, pelo casamento com o conde alemão de Oeynhausén, pôde tomar contacto com a Europa culta, de onde volta fortificada na sua atitude. É' desterrada, por virtude disso, e a sua vida em Londres adivinha-se através da correspondência enviada para o Brasil, onde se encontrava a côrte, ao conde de Barca, e que actualmente faz parte do arquivo da Biblioteca de Braga. O Sr. Dr. Hernâni Cidade destaca de entre essas cartas a escrita em justificação do irmão D. Pedro de Almeida, comandante da Legião Portuguesa que acompanhou Napoleão à Rússia. A análise dessa carta, admirável de comoção, dá ao Sr. Dr. Hernâni Cidade ensejo de nos falar das invasões napoleónicas e do condicionalismo moral que explica, se não justifica, a traição de D. Pedro de Almeida, vindo a Portugal enquadrado no exército de Massena.

A última parte da conferência é o estudo crítico da obra de Alcipe. O autor estabelece o contraste entre a poesia moderna, procurando *exprimir a vida*, mesmo quando mais se afaste dos moldes tradicionais, e a poesia dos séculos XVII e também XVIII, procurando acima de tudo *distrair da vida*, com as subtilezas cerebrinas do seu formalismo. O academismo de setecentos corrigiu pelas regras da razão e do bom-senso os abusos de imaginação e dialéctica das formas e, nas formas assim regressadas ao equilíbrio clássico, o último quartel do século meteu conteúdo de realidade subjectiva e objectiva. Nesta corrente se integra Alcipe. Estuda a seguir as influências e condições que lhe dão carácter à obra poética — a vida no convento, o entusiasmo geral no tempo pelas sciências e pela natureza e a poesia do Norte que conhecia como ninguém.

Tudo foi documentado por poesias admiravelmente recitadas pela Sr.<sup>a</sup> D. Arminda Fortes.»